MEMÓRIA, LÍNGUA BANTU EM MOÇAMBIQUE E DISCURSO COLONIZADOR: ENTRE O SILENCIAMENTO E OS GESTOS DE RESISTÊNCIA NA MÍDIA DIGITAL

Nely Gustavo Nhampule Machalele
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.000900850764718
Endereço eletrônico: 2026a0051@uesb.edu.br

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6597-6192
Endereço eletrônico: gcortes@uesb.edu.br

Palavras-chave: memória discursiva; discurso colonizador; línguas bantu e silenciamento; resistência.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes riquezas de Moçambique é a sua diversidade linguística, com cerca de 44 línguas bantu (LB), disputando espaço com o Português. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2019), as línguas bantu são as mais faladas com cerca de 81.1%, contra cerca de 47.3% de falantes da língua portuguesa (LP). Contudo, a supremacia da LP é afetada pela ideologia vinculada ao "mito de que o continente africano era primitivo antes da sua chegada" (Chimbutane, 2015 p. 41). Assim, os colonizadores obrigavam os moçambicanos a assimilar a língua e os costumes europeus; proibiam as práticas folclóricas, como também as LB de circular em ambientes formais. Após a independência política, em 1975, o então Governo de transição, elegeu a LP como língua oficial e de ensino, em detrimento das LB, reservadas a contextos informais.

Porém, com as lutas e reivindicações, as LB foram introduzidas no Sistema Nacional de Ensino (SNE), instituindo dois programas de ensino, o monolíngue e o bilingue, através da Constituição da República de Moçambique de 1990 e, mais tarde, com a Lei n.º 6/92/2003.

Todavia, ainda se nota grandes desafios no que diz respeito à sua implementação efetiva, visto que o programa carece de professores qualificados, de material didático e, sobretudo, da implementação de políticas educacionais em defesa dessa causa. Nesse contexto, em 2025 tivemos um pronunciamento contrário ao ensino bilíngue, proferido por um ex-deputado[1], em um programa televisivo denominado *6 ÀS 9H,* da *TV Sucesso*, reproduzido também no *Youtube*, no CANAL NOTÍCIAS MOZ. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o silenciamento discursivo das LB em Moçambique, a partir de um recorte do vídeo em pauta, como também os gestos de resistência instaurados na trama discursiva, a partir de comentários digitais.

METODOLOGIA

O trabalho respalda-se nos pressupostos teóricos da análise materialista do discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, além de contribuições teóricas do discurso digital. Segundo Pêcheux (1969), o sentido não decorre de um "cálculo lógico", mas das determinações histórico-ideológicas. Nessa ótica, o sujeito não controla plenamente o que diz, pois é afetado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente; é considerado como uma posição entre outras. O sujeito discursivo e os sentidos não são fixos, se constituem juntamente, no interior do interdiscurso, sendo este definido como o exterior de uma dada formação discursiva (FD), a qual determina e regula o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada conjuntura sócio-histórico (Pêcheux, 1995). Nessa perspectiva, a língua é opaca, dotada de uma autonomia relativa, e "se apresenta, assim, como a base de processos discursivos diferenciados [...] (Pêcheux 1995, p. 91).

O *corpus* deste estudo foi constituído de duas sequências discursivas (SDs), sendo uma composta de excertos do pronunciamento do ex-deputado, como já mencionado; já a segunda SD traz um comentário digital do respectivo vídeo. Os gestos analíticos funcionam sob as tensões do batimento descrição/interpretação, conforme postula Pêcheux (2006).

[1]Antonio Muchanga, ex-deputado do partido Renamo. Até então, segundo maior partido da oposição em Moçambique.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

SD1: Figura 1 - Pronunciamento do Ex-deputado

 **Ex-Deputado** - Eu não conheço nenhum dirigente da Frelimo[2] que tem filho no ensino bilíngue, fazem isso para atrasar os filhos dos pobres. É só ver como brincam os	como é casam os filhos da Frelimo, foram educados para casar entre eles, para brincar entre eles e não permitiram que os pobres entrem lá. **Jornalista** - certo, uma vez que, portanto, o ensino bilingue já foi introduzido qual seria a saída para tal?
	Ex-Deputado - ***temos que extinguir, porque o ensino bilíngue não é abrangente. A maior parte das escolas não está a dar o ensino bilíngue. Temos que acabar com essa vergonha de bilíngue***.[…] Então isto aqui é próprio de pobres, estúpidos e deviam ter vergonha esses da Frelimo de introduzirem questões que não nos ajudam. Sabe esses gajos da Frelimo tem um problema muito sério, eu estava a fazer contas, quando eu estudei fiz o meu ciclo preparatório, eu tinha 6 cadeiras ou 6 disciplinas estudava de manhã. […]Hoje, ensino secundário também, hoje as crianças do ensino secundário têm 13 cadeiras o tempo continua o mesmo […]. E depois as crianças que entram as 13h deviam permanecer na escola 18,19,20,22 [...]

Na SD1, temos o pronunciamento do ex-deputado do Partido Renamo em que se destaca a seguinte formulação: **"temos que extinguir, porque o ensino bilingue não é abrangente… portanto, temos que acabar com esta vergonha do Ensino Bilingue… Isto aqui é próprio de pobre, estúpido"** [...] Nesse discurso, o sujeito se filia à FD colonialista, na qual as línguas bantu eram silenciadas e proibidas de circular no contexto educacional. O discurso, portanto, atualiza a memória discursiva do período colonial e pós-colonial, que vincularam o uso dessas línguas a pessoas sem escolaridade e/ou pobres, em contextos informais. Conforme Orlandi (2007), a "política do silêncio" define o que se diz e o que não se diz, e os sentidos indesejáveis são apagados em uma dada conjuntura discursiva. Desse modo, essa memória do silenciamento das LB é atualizada no discurso do ex-deputado, que também ocupa a mesma posição-sujeito do colonizador.

No entanto, segundo Pêcheux, "não há dominação sem resistência" (Pêcheux, 1995 [1975] p.304), assim instaura-se uma posição-sujeito antagônica, no comentário de um internauta, que repudia o discurso colonizador. Vejamos a SD2:

[2] Frente de Libertação de Moçambique. Movimento que desencadeou a luta de libertação contra o colonialismo português. Desde 1977 até atualmente Partido Político no poder.



SD2: – Comentário de Repúdio do Internauta[3]

"os primeiros anos de independência, pessoas foram humilhadas nas escolas por falarem as suas línguas. Aquilo era martírio ser obrigado a falar uma língua que na vida nunca falaste. […] Aliado a isso, devia ser tratado de Namalukini, Xiconhoca, ou Likalowandindi, termos pejorativos, próprios daquela época. **Aquilo trouxe trauma para uma geração inteira e as pessoas começaram a não se rever nas suas línguas**. Por isso, hoje em dia, pessoas do centro e norte sentem complexo de inferioridade em se expressarem nas suas línguas quando estão na zona sul do país. **Daí que o ensino bilingue em parte tenta resgatar esse autoestima… O Muchanga deve se informar como funciona o ensino bilingue**.

Na SD2, temos um comentário de um internauta com a seguinte formulação: **Nos primeiros anos de independência, pessoas foram humilhadas nas escolas por falarem as suas línguas… Aquilo trouxe trauma para uma geração inteira e as pessoas começaram a não se rever nas suas línguas… Daí que o ensino bilingue em parte tenta resgatar esse autoestima… O Muchanga deve se informar como funciona o ensino bilingue**. A formulação materializa um discurso de repúdio à extinção do ensino bilingue nas escolas moçambicanas, que significa também repúdio ao apagamento da identidade de um povo. Cabe lembrar que o ensino bilíngue consiste em um marco jurídico (2003), conseguido por lutas históricas de linguistas, da comunidade acadêmica e do povo moçambicano. Para Pêcheux (2010), a memória funciona sob um jogo de forças, que visa manter a regularização dos sentidos, mas também, ao contrário, pode haver a perturbação e desregulação dos já ditos. Portanto, essa formulação confronta e perturba a memória discursiva do colonizador. Também funciona o efeito de denúncia à humilhação e punição imposta aos falantes da LB, no período imediatamente pós-independência. Desse modo, o comentarista digital ocupa uma posição-sujeito de repúdio, de indignação e revolta, o que produz o efeito de resistência ao silenciamento imposto pelo discurso do colonizador.

CONCLUSÕES

Buscamos analisar o discurso inscrito no pronunciamento do ex-deputado da Renamo e o comentário de internauta, sobre o ensino bilingue e a circulação das línguas bantu em Moçambique. Notamos que o discurso inscrito na fala do ex-deputado se filia à FD colonialista e funciona com a mesma posição-sujeito de silenciamento das LB. Por outro lado,

[3] **Fonte:** Youtube: Canal NOTÍCIAS MOZhttps://youtu.be/I1np9Y8QJqM: acessado em 9/6/2026.

o discurso materializado no comentário do internauta, ocupa uma posição-sujeito antagonista ao discurso do colonizador, com efeito de denúncia e resistência à extinção das LB, ao defender a continuidade do uso dessas línguas no SNE, tendo em vista a preservação da memória linguística e da identidade do povo moçambicano da LB e do povo moçambicano. Convém ressaltar que a mídia digital é, tanto um lugar de discursos parafrásticos, quanto um espaço para a equivocidade, é caracterizado por tensões e rupturas, um espaço de embates ideológicos e de movimento dos sentidos e dos sujeitos (Pereira e Cortes, 2020).

REFERÊNCIAS

CHIMBUTANE, Feliciano. Língua e Educação em Moçambique: Uma perspective sócio- histórica. In: GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. (orgs.). **Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique**. Maputo: Alcance editores. 2015. p. 35-75.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2019) **IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017. resultados definitivos**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística. 2019.

MOÇAMBIQUE. (1990) **Constituição da República de Moçambique**, Maputo. Boletim da República: no. 44, 2 de Novembro. Imprensa Nacional. 1990.

MOÇAMBIQUE. **Lei n.º 6/92 de 6 de maio do Sistema Nacional da Educação**. Boletim da República, no. 254, 28 de Dezembro. Imprensa Nacional. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP; Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Análise do discurso (AAD-69). In.: GADET, Françoise.; HAK, Tony. (org). **Por uma Análise Automática do Discurso:** Uma introdução à obra do Michel Pêcheux. Tradução de Betânia Miriani et al. 5. Ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2014. P.59-158. Edição original: 1969.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória In.: ACHARD, Pierre *et al*. **Papel da memória**. Campinas-SP, Pontes Editores, (2010).

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli [et al.]. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou Acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli. 4ed. Campinas: SP: Pontes Editores. 2006.

PEREIRA, Aline, M. Dos S. CORTES, Gerenice, R. De O. O Discurso da BNCC nas Mídias Digitais: Entre o Silenciamento de Sentidos e a Resistência. **Revistas Humanidades e Inovação**. v.7. n 24. 2020.